Sessão Solene Comemorativa do Dia da Cidade

4-7-2015

Discurso do Presidente da Câmara Municipal de Coimbra

Manuel Machado

- **Senhor Presidente da Assembleia Municipal**
- **Magnífico Reitor Universidade de Coimbra**
- **Caro António Dinis –** Vencedor, em 2015, do Prémio Municipal Edmundo Bettencourt/Canção de Coimbra
- **Senhoras e Senhores Vereadores**
- **Senhores Presidentes das Juntas de Freguesia, caros colegas autarcas**
- **Senhores Representantes Parlamentares na Assembleia Municipal:**
  - Partido Socialista
  - Coligação Por Coimbra
  - Coligação Democrática Unitária
  - Cidadãos Por Coimbra
  - Centro Democrático Social/Partido Popular
- **Digníssimas entidades Civis, Militares e Religiosas**
- **Ilustres convidados**
- **Minhas Senhoras e Meus Senhores**

Coimbra celebra o seu Dia da Cidade, neste ano de 2015, sob o espectro de um dos mais rudes ataques que já foram feitos, não só à cidade, mas à autonomia do Poder Local Democrático constitucionalmente consagrada.

É de facto uma pena que, ao assinalarmos uma vez mais a data da morte de Isabel de Aragão (4 de Julho de 1336)**, o façamos, não sob os auspícios das novas correntes de conhecimento, bondade e solidariedade — como a Rainha Santa trouxe, à época, para Coimbra e para Portugal — mas sob a sombra do poder arbitrário, incompetente, injusto e totalitário do Governo central.**

É de facto uma pena que, nos dias de hoje, a governação tenha esquecido os ensinamentos do *Livro da Virtuosa Benfeitoria* ***e*** **o essencial da mensagem da** *Carta* **enviada** ***de*** *Bruges*, **por D. Pedro, o "Infante das Sete Partidas" — Duque de Coimbra, a seu irmão D. Duarte, em 1426, e que resumo:**

«O governo do Estado deve basear-se nas quatro virtudes cardeais e, sob esse ponto de vista, a situação de Portugal não é satisfatória.

A força reside em parte na população; é pois preciso evitar o despovoamento, diminuindo os tributos que pesam sobre o povo. (...)

É preciso assegurar um salário fixo e decente aos coudéis, a fim de se evitarem os abusos que eles cometem para assegurar a sua subsistência.

É necessário igualmente diminuir o número de dias de trabalho gratuito que o povo tem de assegurar, e agir de tal forma que o reino se abasteça suficientemente de víveres (...).

A justiça só parece reinar em Portugal no coração do Rei ...; e dá ideia que de lá não sai, porque se assim não fosse aqueles que têm por encargo administrá-la comportar-se-iam mais honestamente. A justiça deve dar a cada qual aquilo que lhe é devido, e dar-lho sem delonga. É principalmente deste último ponto de vista que as coisas deixam a desejar: o grande mal está na lentidão da justiça. (...)

Enfim, um dos erros que lesam a prudência é o número exagerado das pessoas que fazem parte da casa do Rei e da dos príncipes. De onde decorrem as despesas exageradas que recaem sobre o povo, sob a forma de impostos e de requisições de animais. Acresce que toda a gente ambiciona viver na Corte, sem outra forma de ofício.»

(Robert Ricard - estudo «L'Infant D. Pedro de Portugal et "O Livro da Virtuosa Bemfeitoria"», in Bulletin des Études Portugaises, do Institut Français au Portugal, tomo XVII, 1953, pp. 10-11)

Caros Conimbricenses

Há datas em que apetece lamentar esse ano de 1255, em que Afonso III, sogro da Rainha Santa, decidiu transferir a capital do Reino de Portugal (e a sua corte) **de Coimbra para Lisboa.**

Esta é, certamente, uma delas. Veja-se a constituição — iníqua e ilegal, como a seu tempo se provará — da sociedade Águas do Centro Litoral, SA e a extinção, unilateral e à força, da sociedade Águas do Mondego, da qual o município de Coimbra era acionista em 29%.

A *Águas do Mondego*, concessionária de infraestruturas do nosso Município, garantia, não só abastecimento de água em Coimbra e aos municípios circunvizinhos, como geria também os seus sistemas de saneamento básico. Era uma empresa competente na prestação do seu serviço — e com as contas em ordem: em 2014 teve, aliás, 2,4 milhões de euros de resultados positivos.

Pois bem, o Governo — este Governo — extinguiu a empresa e quer subjugar Coimbra e os seus munícipes, obrigando-os a entrarem numa outra empresa que, por integrar sistemas que só tinham a valência do saneamento, e também a um tipo de gestão, que agora não vem ao caso, arranca em situação de pré-falência. E isto — esta substituição forçada de uma empresa saudável por outra empresa que nasce doente — irá encarecer brutalmente, nos próximos anos, a fatura da água dos habitantes de Coimbra.

Comparada com esta Europa que se encontra inteiramente à deriva com a crise da Grécia, esta substituição significa que os habitantes de Coimbra vão sofrer um duro "programa de ajustamento" no que diz respeito à qualidade e ao custo da sua água e do seu saneamento básico. Isto apesar da empresa que trabalhou para a cidade e para o concelho até agora, estar solvente e até dar lucro. O resultado deste imbróglio vai ser o agravamento colossal da fatura da água por motivos inconfessados associados à privatização de um bem público essencial.

É este o ano de 2015 que vivemos em Portugal: um Governo que obrigou o país a uma austeridade muito superior à necessária, que esmagou a economia e que impôs uma recessão brutal (e, sobretudo, evitável na dimensão que veio a ter...)**, vem agora atacar concelhos e munícipes que honraram sempre os seus compromissos e têm as suas contas em ordem, infringindo-lhes um peso e um custo que não merecem e o esbulho de bens municipais, de todos nós.**

A Câmara Municipal, pelo seu lado, está a contestar esta iniquidade em todos patamares políticos, administrativos e judiciais. Trata-se de um episódio lamentável, atentatório do Estado de Direito, para o qual é necessário que o país crie, muito em breve, condições para repor a boa política, o Direito e a Justiça.

Mas nem só de tristezas vive esta cerimónia, felizmente.

Poucas vezes, ao longo da história, houve para um Presidente da Câmara oportunidades tão felizes como esta de desempenhar o seu cargo: atribuir a Medalha de Ouro da Cidade de Coimbra à sua universidade, à Universidade de Coimbra.

Tal como há 25 anos afirmei, na Sala dos Capelos, na celebração dos 700 anos da Universidade, hoje reafirmo com determinação redobrada que:

Nesta Cidade de pelo menos dezanove séculos brilha, inconfundível, uma Universidade de mais de sete séculos.

Cidade e Universidade que se confundem quando invocadas, do exterior e de longe, apagando realidades e expressões próprias claramente distintas para quantos aqui vivem e aqui trabalham.

Séculos de convivência, de mútua solidariedade, não poucas vezes de conflito. Mas sempre uma e outra — Cidade e Universidade — geriram as suas relações norteando-se pela necessidade de mutuamente se respeitarem para se desenvolverem.

As gerações e os movimentos literários e artísticos: dos reis trovadores a Camões, dos pioneiros românticos a marcos da cultura como Antero e Eça, da nobre solidão do Poeta da Torre de Anto **— património que hoje devolvemos ao público com o novo Núcleo da Guitarra e do Fado de Coimbra — mas, dizia eu,** ***da solidão de António Nobre aos simbolistas, das tertúlias dos Presencistas à produção poética dos neo-realistas e outras vanguardas, sem esquecer o clássico Miguel Torga, ilustram o marcado ambiente cultural que esta cidade sempre conheceu.***

— E acrescento hoje, 25 anos depois, a intensa e rica atividade cultural que se vive na cidade; a certificação da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia como Património Mundial; a liderança na área da Saúde, na produção de Conhecimento, na Investigação Científica e Tecnológica. Há um ano outorgámos, aqui, um protocolo de cooperação com a Universidade para melhoria do Jardim Botânico, qualificando-o, melhorando as acessibilidades, ligando da "Traição à Alegria", e a obra está já em curso…

Em todas estas dimensões, agora, tal como no passado, Cidade e Universidade coordenam interesses, conjugam esforços e harmonizam ações. Só deste modo é possível engrandecer a Cidade e a Universidade.

Coimbra vive **– tal como há 25 anos –** ***um momento excepcional da sua história. Não queremos quedar-nos na contemplação de um passado ilustre.***

Queremos os meios que nos permitam arrancar para o futuro, na certeza do caminho a percorrer. **A aplicação dos fundos europeus inscritos na** ***Parceria Portugal 2020*** **tem que ter em conta as realidades/necessidades das comunidades locais, respeitando a sua autonomia**

autárquica e não resultar de directórios (não eleitos) que apenas têm em conta os interesses da Administração Central.

Impedir o nosso desenvolvimento, por falsas razões financeiras, ou, o que será pior e indesculpável, por razões de falta de afinidades de vária ordem, não será entendido por ninguém. Coimbra, Cidade e Universidade, proclamam bem alto que o seu capital histórico, aliado às suas capacidades de realização e à ambição dos seus propósitos, lhe conferem o direito e o dever de se desenvolverem em prol da comunidade portuguesa, na plena realização da investigação, do ensino, na criação cultural e na prestação de serviços altamente especializados, num meio social ao mesmo tempo receptivo e motivador.

Esta "encantada e fantástica Coimbra", de Antero de Quental, é o que é, em boa parte, devido à sua universidade. Ela é o elemento central desta cidade aberta ao mundo, ao conhecimento, à ciência, ao saber, às artes – uma cidade onde se formaram uma quantidade notável de indivíduos que ajudaram a construir este país e todos os países de Língua Portuguesa, com destaque para o Brasil.

Recordo que aqui se doutorou o único português Nobel da medicina, António Egas Moniz, foi Reitor o primeiro Presidente da República Portuguesa eleito, Manuel de Arriaga e foi professor o último Presidente da Primeira República, Bernardino Machado. Na Universidade de Coimbra, lecionaram professores que foram notáveis Presidentes da Câmara Municipal de Coimbra, designadamente, Lourenço de Almeida Azevedo, Marnoco e Sousa e Bissaya Barreto.

Na celebração dos 725 anos da sua universidade, toda a cidade tem orgulho neste aniversário e comemora-o valorizando uma Universidade de Coimbra que perdura como património vivo que está no topo da produção de conhecimento e na investigação científica e tecnológica de diversos "rankings" internacionais.

Em Coimbra, a UNESCO reconheceu o "valor universal excecional" da Universidade, Alta e Sofia, identificando não apenas o valor do conjunto arquitetónico universitário, da Alta e da Rua da Sofia, mas, também, a importância do seu lado imaterial, cultural e simbólico. Não é por acaso que a Universidade é a maior atração turística da cidade e da Região Centro. É porque,

para além dos aspetos patrimoniais, há um reconhecimento dos valores humanistas e universais que traduzem e singularizam a identidade da Universidade e da cidade de Coimbra.

A Câmara Municipal tem sido parceira da Universidade em todos os seus projetos, procurando uma colaboração e uma conjugação de sinergias que serve a todos. Temos trabalhado em conjunto na promoção do património arquitetónico, científico, artístico e literário. Mas também em tudo o que promove a inovação e o empreendedorismo empresarial, seja no Instituto Pedro Nunes, seja no IteCons, seja em projetos similares.

A Universidade já constatou que conta com a Câmara Municipal para a sua projeção internacional, assim como a cidade conta com a sua universidade para captar mais habitantes, mais atividade económica, mais tempo de permanência dos turistas.

Aumentar o tempo médio de permanência dos visitantes em Coimbra é, aliás, um dos objetivos estratégicos que nos deve unir a todos, Câmara e Universidade, hotelaria e restauração, agentes turísticos, empresas e instituições: é preciso agir com inteligência, numa estratégia de pequenos passos, para conseguir aumentar o tempo médio de permanência dos visitantes em Coimbra.

Todos temos de continuar a gerir uma cidade em que o património está a ser recuperado e promovido; uma cidade em que a sua atividade universitária e científica ganhou uma valorização económica; em que a dinâmica empresarial atraiu investimento, gerou emprego, fez crescer a população e aumentou o rendimento disponível dos seus habitantes.

Este recente desenvolvimento económico de Coimbra tem-se baseado na renovação das pessoas, das empresas e das instituições, da capacidade que Coimbra ganhou de criar dinâmicas empreendedoras, centradas em comportamentos favoráveis à inovação e ao aperfeiçoamento contínuo, para aproveitar as oportunidades de investimento que são geradoras de riqueza e de emprego.

Coimbra vai passar a dispor, no final deste ano, de uma destas oportunidades: o Convento de S. Francisco, uma das maiores e mais bem equipadas estruturas do país para a realização de eventos científicos e culturais.

É uma enorme oportunidade que a cidade está a preparar-se para agarrar bem, mas não é uma oportunidade fácil – nada fácil. Pelo contrário: é um equipamento cuja rentabilização é um enorme desafio. Porque é uma das maiores áreas expositivas do país; e porque é um dos maiores teatros, um dos maiores palcos sinfónicos e operáticos do país.

Comparando com o Convento S. Francisco, só o Centro Cultural de Belém tem uma tamanha capacidade, e vocação, para exposições, eventos e espetáculos. É por isso que, para se viabilizar — e para ser um veículo de tração para a atividade económica de Coimbra — o Convento de S. Francisco tem de ser, para além de um grande centro cultural, também um grande centro de congressos e de apresentação de produtos à escala mundial.

O Convento de S. Francisco terá de ser o epicentro de uma mobilização de todos, repito de todos os setores económicos e instituições da cidade ligados ao turismo, à cultura, à hotelaria, à restauração e ao comércio, uma vez que um grande centro de congressos tem um potencial enorme para gerar atividade económica.

Coimbra já é a "Cidade do Conhecimento", a "Cidade da Saúde" ou a "Cidade do Amor". A partir de agora será também a "Cidade dos Espetáculos", a "Cidade das Exposições" e a "Cidade dos Congressos" — criando uma nova via para a atração de investimento e geração de riqueza económica e socialmente útil.

A Universidade de Coimbra e as outras instituições de Ensino Superior terão aqui um papel decisivo a desempenhar. Seja em estudos de mercado, seja na formação de profissionais dos diferentes setores envolvidos, seja na atração de diferentes públicos e utilizadores do Convento, essas instituições terão um papel fulcral na preparação dos diferentes atores da cidade para um mercado que será muito maior e mais variado do que é hoje mas, sobretudo, mais exigente.

Este novo desígnio de enriquecimento da cidade, de promoção da sua atividade económica — do seu emprego, do seu número de habitantes, da rentabilidade dos seus negócios, da sua atratividade turística... — exige uma união e uma conjugação de esforços ainda maior entre todos os parceiros interessados neste desígnio coletivo. A Câmara

Municipal, como toda a cidade e todo o concelho já perceberam, assumiu por inteiro essa responsabilidade com verdadeiro espírito de liderança e articulação entre todos os parceiros.

O processo já está em marcha, já arrancou este desígnio da valorização de Coimbra e do seu relançamento no século XXI. Por isso hoje, Dia da Cidade, evoquemos uma vez mais Isabel de Aragão e a sua sabedoria prática das coisas, o seu saber-fazer muito com poucos recursos, a sua inteligência de fazer confluir em propósitos comuns interesses à partida distantes, quando não divergentes.

É com este espírito, com esta determinação, que Coimbra irá uma vez mais ultrapassar as expectativas. E que irá tornar estrutural o desenvolvimento em que estamos envolvidos.

Viva Coimbra! Viva Portugal!

Muito obrigado.